

CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS – CEA

Livro de Oração Comum no Anglicanismo

Dom Sumio Takatsu

O anglicanismo é uma forma, um jeito de ser Igreja muito identificado com o *Livro de Oração Comum*. Os anglicanos ficam praticamente perdidos sem esse Livro. Ele é o nosso livro "comum", o livro de oração da Igreja e de todos os anglicanos. Apesar de cada uma das Igrejas da Comunhão Anglicana ter o seu livro, podendo-se perceber diferenças entre um e outro, todos eles têm um "padrão" comum. Por isso, é possível dizer o seguinte: embora o *Livro de Oração Comum* não esgote toda experiência, história e auto-compreensão anglicanas, ainda assim passam por dentro deste livro a história, as teologias, eclesiologias e espiritualidades das Igrejas da Comunhão Anglicana, sua forma ou método de celebrar a Fé (os atos poderosos de Deus, o Evangelho) e de se organizar como Igreja (Ordem). Talvez seja mais justo dizer que o LOC é a fonte dessas disciplinas teológicas e expressão do que as Igrejas da Comunhão entendem por essas disciplinas. É claro que a fonte não pode ser tomada em seu sentido literal. Porém, duas fontes principais estão no LOC: a Escritura e os Credos católicos (Batismal ou apostólico e Niceno-Constantinopolitano). Diga-se de passagem que os anglicanos têm-se referido às Escrituras, à tradição e à razão como fontes da teologia. A tradição no sentido lato é a vida contínua da Igreja. A razão tem a ver muito mais com a cultura dos povos.

Anglicanos e a Palavra de Deus

O modo anglicano de entender o sentido da Palavra de Deus está também, no LOC. Por exemplo, a designação da primeira parte da Eucaristia, Rito II diz: *Palavra de Deus* e no Rito I, *Liturgia da Palavra*. A estrutura dessa primeira parte nos diz como os anglicanos entendem o sentido da Palavra de Deus. De que consta essa parte? Toma-se aqui como exemplo o Rito II.

Saudação entre o oficiante e o povo
expressando mutuamente o desejo de louvar ou bendizer o Deus
Triúno (na primeira saudação)
de anunciar a ressurreição de Cristo (na Quadra pascal)
de bendizer o Deus misericordioso, que perdoa os pecados (na
Quadras penitenciais)
Oração - Coleta pela Pureza (talvez a oração mais usada entre as
Igrejas da Comunhão Anglicana)
Cântico adequado à Quadra do Ano Cristão e à ocasião (omite-se, no
geral, nas quadras penitenciais)

Leituras do Antigo Testamento, do Novo Testamento e do Evangelho
entremeadas de
Salmos e outros hinos
Sermão
Recitação do Credo
Intercessões
Confissão e Absolvição
Saudação da Paz

Voltando à questão original que nos levou a enumerar estes itens que constituem a estrutura da Liturgia da Palavra de Deus, podemos dizer que esses elementos e a forma como se anunciam as leituras indicam a compreensão das Igrejas da Comunhão Anglicana sobre o significado da Palavra de Deus.

As leituras são recortes (perícopes) das Escrituras feitas para fins litúrgicos. São anunciadas como sendo a Palavra de Deus. Essas leituras são a memória que contém esperança. São testemunho e sinal da Palavra de Deus. Como testemunho e sinal, as leituras e a Bíblia como um todo estão apontando para a Palavra viva, uma realidade que não é idêntica à Palavra escrita, tendo não obstante uma relação mútua inevitável. Tanto assim que o Novo Testamento fala na Palavra ou Verbo feito carne, Jesus Cristo, a Palavra. Basta ler o Evangelho de São João e o Livro de Apocalipse para se ter uma ligeira noção disso.

Há uma terceira dimensão ou aspecto da Palavra de Deus. A Escritura lida e ouvida à luz de Jesus Cristo se torna uma mensagem viva e conseqüente na vida uns com os outros e na vida com Deus, mediante o exercício do ministério da Palavra. Trata-se da interpretação das leituras para nós hoje. É a convicção do LOC de que o Cristo pelo poder do Espírito Santo atua em nós pelo trabalho da interpretação, atualização e aplicação. Há quem pense como Reginald H. Fuller que, em determinadas celebrações, o sermão é dispensável. Diga-se com humor que ele tem razão. Há pregações e pregações, principalmente, quando o sermão não é preparado e mesmo quando bem preparado, mas sem levar em consideração o contexto. É claro que o pregador deve pregar, primeiro para si, no sentido de estar debaixo da mesma Palavra, mas deve levar em consideração as pessoas em seu contexto.

Assim, há uma tríplice dimensão da Palavra de Deus. A Palavra de Deus não é igual à Escritura, porque Jesus Cristo é a Palavra de Deus. Porém ela é o seu testemunho inspirado pelo Espírito Santo, e é, nesse sentido, a "Palavra de Deus". Sem a mediação desse testemunho e memória originais e sem a inspiração do Espírito, hoje como lá, no seu berço e na tradição, não se tem acesso à Palavra, Jesus Cristo, para nossos dias. Para não dizer que esta tríplice noção da Palavra saiu da cabeça de um ou de outro, basta compulsar ligeiramente o Relatório da Conferência de Lambeth 1958. O Relatório diz:

Através da Bíblia há muitas referências à "Palavra" ou a "Palavra do Senhor" ou a Deus que fala. Essas frases nos falam de um elemento muito significativo dentro da Bíblia: Deus é um Deus que fala. Isto significa duas coisas: que o propósito enunciado de Deus encontra sua expressão em seus atos no mundo, e que suas ações no mundo visam um impacto sobre as mentes e consciência das pessoas ou por revelação ou por ordem, ou por julgamento ou por desafio. Pela Palavra de Deus o mundo foi criado, o mundo é sustentado, os eventos da história são governados, Israel foi libertado... Em tudo isso a Palavra de Deus foi revelada. Porém, finalmente, em Jesus a "Palavra se fez carne e habitou entre nós". Aqui está a revelação plena e final. Jesus Cristo, Ele próprio é a Palavra de Deus.

Embora o termo Palavra se refira ao ensino de Jesus e o Evangelho proclamado pelos apóstolos é evidente que Ele próprio é o coração do Evangelho. Visto que Jesus é a Palavra, Ele é a chave para a nossa compreensão da Palavra no Antigo Testamento que precedeu à sua Encarnação e da Palavra nos escritos do Novo Testamento. É evidente que para se entender o modo como a Bíblia é a Palavra de Deus, é preciso considerar como centro de nosso pensar teológico o fato de que Jesus Cristo é a Palavra de Deus. Com isto como guia, podemos ler o Antigo Testamento como a Palavra da promessa de Deus e o Novo Testamento como a Palavra do cumprimento.

À luz da relação da Bíblia com Jesus Cristo podemos afirmar que ela possui autoridade e é a obra da inspiração de Deus, mas sem atribuir inerrância ou infalibilidade a qualquer declaração contida na Bíblia. A ausência desse conceito de inerrância nos capacita a evitar o erro de atribuir caráter irrevogável e autoridade final a estágios incompletos da revelação, lembrando que só Jesus Cristo é o cumprimento final. Acima de tudo, a mensagem bíblica é percebida como contemporânea quando as vidas humanas são transformadas pela graça de Deus com a entrega do coração, mente e vontade ao Senhor. Aí se vêem os sinais autênticos da nova Criação, a qual é a prova do Evangelho.

Convém ainda tratar sob a perspectiva do testemunho e sinal visível da graça (sacramental) dessa relação tríplice: "Palavra-Bíblia", "Palavra-Jesus Cristo" e "Palavra - a Boa Nova", eficaz hoje na vida da Igreja. A Bíblia como testemunho é interrogável, material sujeito à análise sob o ponto de vista que abrange uma gama ampla de preocupações com respeito à avaliação dos textos enquanto documentos, sua transmissão, (crítica textual), apreciação crítica do conteúdo dos textos quanto ao gênero literário, vestígios da composição de pequenas unidades em maiores unidades, sua redação. passando por diferentes contextos até chegar ao que conhecemos como Livros das Escrituras. Em outras palavras, trata-se de vestígios de uma cadeia de transmissão, audição e interpretação. Graças a Deus que Ele inspirou com o seu Espírito Santo todo esse processo. Não obstante, é letra, um material dinâmico que pode até ser apresentado para

justificar dogmatismos doutrinários ou uma moral estéril. (Conforme II Co. 3.6,17).

Diga-se de passagem que se ouve com freqüência: "isso ai é uma interpretação e não é o que a Bíblia diz", como se os textos tivessem caído da boca de Deus e chegado a nós em sua pureza original, sem mediação alguma. Qualquer uso dos textos é uma forma de interpretação. Destacar um texto do seu contexto e fazer dele uso de tipo *slogan* é uma forma de interpretação e até ingênua. Por isso a questão correta é perguntar se aquela interpretação é adequada, errônea ou aceitável pela comunidade da Igreja como um todo. A Bíblia como sinal parece com o pão que passou por várias fases de mediação desde o plantio dos grãos até chegar à nossa boca. Nesse sinal visível nos é dado o Cristo. Para que haja uma real percepção, audição e acolhida da Palavra é preciso que haja alguma coisa como "cura" da cegueira, surdez, mudez, paralisia, isto é, libertação e a inspiração do Espírito Santo.

Com efeito, a estrutura litúrgica em que se fazem as leituras e a interpretação da Palavra, seja na forma de sermão, seja em outra forma de comunicação, é uma indicação de que o processo ou o evento do ouvir, ver e agir acontece dentro de certas condições e finalidades. De modo resumido, essa estrutura refere-se à invocação do Deus Triúno, engrandecimento Dele e súplica. E isso diz respeito à atitude perante Deus de quem deseja receber a Palavra, o Evangelho, Cristo crucificado e ressurreto, e acolher uns aos outros. O que significa glorificar, engrandecer (louvar) a quem invoca? Há um obra muito significativa sobre essa questão da autoria gêmea de Daniel W. Hardy e David F. Ford, da qual vale a pena fazer uma citação extensa:

A lógica do louvor é que o amor criativo e transbordante livremente aperfeiçoa a sua própria perfeição e convida outros a participar dessa vida por meio do louvor. A única afirmação de Deus que é adequada é a sua própria afirmação... Quando os cristãos viram a afirmação divina culminante em Jesus Cristo, isso implicou numa compreensão transformada da glória de Deus. Tanto assim que Paulo lutou corpo a corpo com a idéia escandalosa da glória de Deus expressa numa pessoa crucificada e João fez da Cruz o centro de sua concepção da glória. Uma das expressões mais concentradas da nova concepção da glória é a Carta aos Filipenses: Toda a criação é obra do amor de Deus. Jesus Cristo é dar-se a si mesmo de Deus em amor para restaurar e levar à consumação toda a criação. O Espírito Santo é o derramamento desse amor para transformação interminável e para a criatividade sempre renovada. O louvor a Deus é o reconhecimento de tudo isso e, acima de tudo, se deleita com tudo isso e o celebra.

É claro que a recepção da Palavra e o conseqüente reconhecimento (louvor) se interpenetram. O importante é dizer que se trata de uma atitude

para com Deus: não ser prisioneiro de si mesmo ou de qualquer coisa. Quem é prisioneiro de si não pode se deleitar com a grandeza de Deus e magnificá-lo em cantos. O louvor não está em cantar, por mais que o cantar esteja estreitamente ligado com o louvor. Um pouco de leitura dos Salmos nos mostra que o cantar é uma forma associada ao engrandecimento. Deve-se cantar onde se pode, mas o louvor é cantar o engrandecimento de Deus que se humilhou para que os órfãos(ãs), colocados às margens da vida, os enfraquecidos e empobrecidos pudessem participar da vida de Deus. Isso tem de ser ressaltado para que não aconteça uma deturpação do louvor a Deus.

É natural que quem louva a Deus acolhendo sua Palavra deseja ver toda a sua criação, este mundo das pessoas e seu meio ambiente, o lugar da habitação da glória divina. As Intercessões apontam para a direção desse desejo. É evidente que, pelas rubricas (orientações do LOC), há mais de uma forma de fazer as intercessões. Porém, há um padrão indicado, (por ex., p.73) contendo alguns itens: lembretes de que as intercessões não sejam expressões sectárias, e que levem em consideração muitos aspectos (para não dizer todos) da vida do mundo, da Igreja e criação. Com efeito, as orações públicas revelam a Igreja com suas virtudes e seus defeitos. As orações podem revelar uma comunidade insulada e voltada para si mesma. Isso contradiz sua natureza e aponta para um caminho perigoso, conforme um lema muito conhecido na década de 60: "a Igreja que vive para si morre por si mesma" (Arcebispo Ramsey, da Cantuária). As Intercessões têm a função de levar conosco múltiplos setores e aspectos da vida deste mundo diante de Deus, de colocar esse mundo sob a perspectiva do Evangelho, o Cristo Intercessor - por quem e para quem tudo foi criado (CI 1,16).

Além disso, quem engrandece a Deus deve reconhecer a dimensão contraditória na sua própria vida. Esse reconhecimento é expresso na confissão e absolvição dos pecados. Quem (pessoa e comunidade) toma essa atitude e a pratica, mostra a liberdade de que fala São Paulo (II Co 3.17). O efeito da Palavra e do Sacramento, segundo Richard Hooker, clássico anglicano, é a comunhão, como está expresso numa das orações eucarísticas, "feitos um só corpo com Ele, para que Ele habite em nós e nós Nele" ou na Coleta do 4º Domingo na Quaresma, "concede-nos sempre esse Pão, para que Ele viva em nós e nós nele". E a comunhão tem a ver com a paz. A paz envolve uma relação muito abrangente com Deus e, por consequência, uns com os outros, uma relação segura de confiança, amor e respeito mútuos e com o meio ambiente.

Em síntese, a estrutura litúrgica exposta até aqui, conforme o LOC, é o que os liturgistas anglicanos denominam de padrão, estrutura ou forma ("Shape", cf G. Dix ou "ordo", cf. G. Lathrop), cujo propósito é celebrar, fazer "anamnésis" dos atos e promessas divinos centrados na morte e ressurreição de Cristo, porém com vistas a toda a humanidade e toda a criação.

Leitura das Escrituras e o Ano Cristão

As leituras no culto público visam celebrar os atos divinos cheios de bondade e graça, pelos quais a Igreja veio existir como comunidade de testemunho da revelação dos planos de Deus, o seu mistério. Com a denominação de "Ano Cristão", as Igrejas cristãs litúrgicas estruturam seu calendário, sua agenda litúrgica, seu tempo. com vistas à celebração do mistério do Evangelho. É uma maneira de ver o tempo fugaz intersectado pela companhia e presença de um outro tempo, o tempo do seu Criador e doador. Por isso, Massey Shepherd denominou o Ano Cristão como "o mistério pelo qual cada momento e todos os momentos e estações desta vida são transcendidos e realizados naquela realidade que está para além do tempo". Por isso, nessa perspectiva, um trecho pequenino do Evangelho na seqüência das celebrações, é um sacramento de todo o Evangelho. Já Charles Price e L. Weill encontram no cristal uma figura desse sacramento. Os cristais têm uma propriedade singular. Não importa qual seu tamanho, o cristal tem sempre uma estrutura igual, o mesmo número de facetas e os mesmos ângulos entre as facetas. Na perspectiva da adoração, "cada momento, seja breve, seja longo, é tempo de observar, celebrar e participar no grande mistério de Cristo".

O Ano Cristão está organizado com duas metades complementares ou dois ciclos interligados. Um se centra na ressurreição de Cristo, que inclui sua Paixão e a vinda do Espírito Santo. É a "Quaresma-Páscoa-Pentecostes". O outro, "Advento-Natal-Epifania", se centra na Encarnação. Na Igreja Primitiva. Páscoa e Pentecostes eram uma festa unitária. O termo pentecostes tem a ver com os cinquenta dias da Páscoa, na visão de São Lucas. Na visão de São João houve simultaneamente a ressurreição e a doação do Espírito Santo. O Advento é o preparo para a Festa da Encarnação e a Epifania celebra a manifestação do Verbo feito carne. A Quaresma é o preparo para a Páscoa e o Pentecostes celebra o derramamento do Espírito Santo, em virtude da Ascensão do Ressurrecto. É característica anglicana ver uma quadra sucedendo a outra sem a interrupção com os domingos do tempo comum depois da Epifania e depois de Pentecostes. Por isso, temos domingos depois da Epifania até o seu último domingo (Transfiguração) e depois de Pentecostes até o Advento.

Nesta estrutura, o início do Ano Cristão é o Advento. Como há duas metades interligadas, a primeira começando com o Advento (a vinda de Cristo) vai em direção do Pentecostes, de onde começou a Igreja; a segunda metade, em plena confiança do primeiro Advento (Cristo já veio) vai em direção da plenitude do Advento (Cristo virá em glória). Com efeito, vivemos no tempo abraçado pelo primeiro Advento e Epifania e pelo Advento e Epifania finais. Isso é o Ano da Graça.

As Escrituras do Antigo Testamento e do Novo Testamento são lidas, ouvidas e proclamadas como celebração, como memorial do que o Deus Triúno tem feito e prometido, seguindo essa seqüência das quadras do Ano Cristo, que são por sua vez, sinais visíveis do tempo de Deus-conosco. Digase de passagem que a estrutura do Ano Cristão como hoje se encontra não nos chegou tudo pronto. Houve uma história de sua evolução.

Livro de Oração Comum e Teologia

No anglicanismo há várias formas de fazer teologia. O que impulsiona essa pluralidade é o que se encontra no *Livro de Oração Comum* - uma "teologia primeira", aquela prática da conversa com Deus e sobre Deus por meio de palavras e atos públicos, comunitários e até pessoais. Aqui é preciso dizer que os liturgistas de diferentes persuasões eclesiais tendem a destacar a importância da "teologia primeira". Porém, isso apenas não constitui a peculiaridade anglicana. A característica anglicana está na identificação dessa "teologia", dessa conversa da comunidade e das pessoas com Deus e sobre Deus diante Dele com o *Livro de Oração Comum*. Ai está a celebração do Evangelho, a Boa Notícia do novo relacionamento com Deus e uns com os outros mediante a reconciliação em Cristo, a nova criação em diferentes ocasiões (recepção e incorporação das pessoas na Igreja, casamento, etc.), a oração, o diálogo com Deus, etc. Ai está o que os anglicanos crêem na forma de oração e ação litúrgica.

O Deus com quem os anglicanos na sua liturgia querem conversar e proclamar é o Deus Triúno. Há muitos elementos do LOC, que apontam para tanto. Os principais entre eles são as Orações Eucarísticas. Elas são trinitárias, estruturalmente falando. Obviamente, o Credo Niceno-Constantinopolitano é trinitário. Porém sua presença na Liturgia eucarística é tardia. Conforme L. Weill, na medida em que a oração eucarística - a oração pública da comunidade batismal - veio a ser dita com voz muito baixa, como se fosse uma oração secreta, (uma espécie de "clericalização" dessa oração), o Credo Niceno veio compensar essa proclamação trinitária.

Encontramos a fé e teologia trinitárias também no Batismo, sacramento que não só faz a recepção e admissão das pessoas na Igreja, mas também celebra o nascimento da Igreja, sendo, portanto, sacramento da Unidade. Encontramos essa fé trinitária também nas doxologias, principalmente, na sua forma abreviada - *Gloria Patri* - e nas Coletas.

A coleta é uma palavra que tem mais de um sentido na Igreja. No geral, quando as pessoas ouvem essa palavra pensam na oferta, na contribuição financeira. É com razão essa associação. De fato, a coleta quer dizer coisas coligadas ou reunidas e, neste sentido, a oferta que fazemos na hora do culto é uma coleta. Por outro lado, a coleta significa um resumo das orações da assembléia (Igreja, ekklesia). Ela é precedida de saudação, e aparece também no fim das litânias, ou das intercessões em vários ritos ou ofícios do LOC. É Louis Weil quem faz a ligação muito interessante entre a coleta (coisa reunida) com as orações do povo reunido e a Igreja como reunião. O povo reunido de todos os cantos da cidade e do mundo traz as orações e aquele que preside faz a coleta, ajunta as orações num resumo. Isso aconteceu numa fase da história da Igreja. A coleta no início do Ministério da Palavra é considerada um resquício dessa época e tem a intenção de resumir a preparação. Na Gália durante a Idade-Média, entre o "Oremos" e a Coleta havia um momento de silêncio em que as pessoas oravam silenciosamente. Nesse caso, a coleta foi um ajuntamento, colheita

das orações particulares em oração da comunidade. De fato, as coletas são um "microcosmo" da oração da Igreja.

Uma ligeira análise do que caracteriza uma coleta pode chegar a essa conclusão. Geralmente, a coleta consta de: invocação de Deus Pai, sua qualificação e seus atos, pequena petição e louvor. Por exemplo, a coleta do Natal diz:

Deus Onipotente, que nos deste teu Unigênito Filho para que tomasse sobre si a nossa natureza... concede que nós, renascidos e feitos teus filhos por adoção e graça, sejamos de dia em dia renovados por teu Espírito Santo. Mediante nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre.

As qualificações ou atributos de Deus têm base nos atos de Deus narrados na Bíblia. Esses atributos precedidos de "que" são a base da ação de graças, louvor e petição. Em outras palavras, ação de graças, louvor, petição, atos de testemunho, são respostas à iniciativa e ação em que Deus revelou a sua graça. A Igreja é Igreja e teve sua epifania histórica porque Deus agiu.

Assim, a coleta é um microcosmo não só da oração da Igreja mas também de sua celebração (memorial, anamnése) do que Deus tem feito. Esse microcosmo é trinitário. O louvor, ação de graças e súplica são dirigidas ao Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela mediação do Filho e pelo poder do Espírito Santo. Isso corresponde ao modo como Deus se revelou e como chegamos a conhecer e amar a Deus.

Esta exposição da estrutura da coleta levanta uma questão relacionada com a existência de coletas (é verdade, em número reduzido) dirigidas às outras pessoas da SS.Trindade. Por exemplo, a Coleta do 3º Domingo do Advento é dirigida a Jesus Cristo:

Senhor Jesus Cristo que, na tua primeira vinda, enviaste o precursor para preparar o teu caminho, concede à tua Igreja a graça e o poder para converter muitos ao caminho da justiça, a fim de que, na tua segunda vinda em glória, encontres um povo agradável aos teus olhos, ó Tu que vives e reinas com o Pai e o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre.

Há indicações de que a invocação do Filho surgiu na controvérsia sobre a divindade de Jesus Cristo. Contra os arianos, a oração dirigida ao Filho foi um meio de afirmar a igualdade das pessoas da Trindade. Só que essa afirmação deixou de ter consequência irônica. Ao afirmar a divindade do Filho, na oração, enfraqueceu a sua função de Intercessor, conforme L.Weil. E a consequência disso foi a compensação desse enfraquecimento surgiram as invocações dos santos como intercessores.

A estrutura das coletas, doxologias que tanto repetimos, a Eucaristia, o Batismo apontam para a natureza e vida do Deus Triúno como comunhão perfeita. De acordo com a promessa divina, essa comunhão tem a ver com a vida cotidiana, especialmente onde as pessoas se encontram nas beiradas, nas margens onde as coisas estabelecidas como certas se desmoronam e para frente está o mundo sem sentido, incerto, caótico. Com a morte de alguém isso acontece de um modo ou de outro.

A comunhão do Deus Triúno como Deus-conosco ocorreu para a Igreja com o seu próprio surgimento, de sexta-feira para o domingo da ressurreição. A experiência da sexta-feira foi marcante para os seguidores originais de Jesus. Todas as expectativas dos primeiros discípulos foram abaladas. Não só a dispersão narrada no evangelho mais antigo, mas a conversa dos discípulos que caminhavam para Emaús (Lc 24) revelam a situação conduzida ao caos. É ali que a comunhão do Deus Triúno se revelou como a comunhão que junta os dispersos, reorienta os desorientados, anima os que são dominados pela morte e torna os inimigos em amigos. (Ver as Coletas da Semana da Páscoa.)

Esse foco da comunhão na morte e na ressurreição de Cristo é celebrado claramente não só na Eucaristia e no Batismo, mas também no Ofício de Sepultura. O Prefácio desse Ofício (p.193) diz: "*a liturgia dos falecidos é uma liturgia pascal*". A morte, nessa perspectiva não é a alienação humana última. Essa morte foi tragada na morte de Jesus (1Co 15.55ss.) Na forma de coleta (LOC, p.195) Deus é celebrado, lembrado como o "Deus, que pela gloriosa ressurreição de teu Filho Jesus Cristo, destruístes a morte e nos deste vida eterna." Onde a morte faz a separação, a alienação final, Deus se fez Deus-conosco. E temos ali a visão da consumação final da comunhão eterna, quando Deus será tudo em todos, (1Co 15). Diga-se de passagem que, baseados no prefácio, nas orações e rubricas, podemos delinear três propósitos do Ofício de Sepultamento:

- 1) Dar graças a Deus pela companhia do irmão(ã) falecido(a) sob a perspectiva do Evangelho da Ressurreição e da comunhão dos santos. (ver a oração da p.196, onde são ressaltados estão os vínculos de afeição, e a natureza peregrina desta vida;
- 2) Entregar nas mãos de Deus a pessoa falecida (encomendação, pp.204-205);
- 3) Consolar "todos os que choram" (p.196, 199).

Com relação a isto nos vem a lembrança de John Donne, poeta e clérigo anglicano do século XVII, para quem não há coisa mais pessoal e, ao mesmo tempo, mais comunitária e universal do que a morte. Nas palavras dele "homem algum é uma ilha... por quem dobram os sinos? para ti e para mim" (citação livre). É nesse contexto que o Evangelho da Ressurreição é apresentado diante de Deus na forma de oração e intercessão:

Oremos por nosso irmão N, a nosso Senhor Jesus Cristo que disse: "Eu sou a ressurreição e a Vida". Senhor, Tu consolaste a Marta e Maria em sua aflição; vem para junto

de nós que lamentamos a morte de N., e enxuga as lágrimas dos que choram...

A encomendação, a entrega da pessoa falecida, nessa perspectiva, se torna memorial da vitória da ressurreição de Cristo. Conforme a coleta da Encomendação:

Senhor Jesus Cristo, a Ti encomendamos o *nosso irmão N.*, que renasceu da água e do Espírito Santo no Batismo. Permite que a sua morte seja para nós um memorial de tua vitória sobre a morte e seja, também, ocasião para que renovemos nossa confiança no amor do Pai...

O memorial visa renovação, como a coleta conclui, dizendo:

Tu que nos precedeste e vives e reinas com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos.

Falando em memorial, todo domingo é memorial da ressurreição e, por isso, renovação da vida e restauração das relações quebradas ou enfraquecidas na vida comum de cada dia. Segundo a tabela de precedência (LOC p.13), o domingo tem precedência sobre todas as festas exceto as festas de Cristo.

Como foi dito acima, o Evangelho da Ressurreição é proclamado e celebrado e dito em oração no Sacramento do Batismo (iniciação, admissão) e no Sacramento da Santa Comunhão ou Eucaristia (da mesa, nutrição). Isto significa que a nossa "lavagem" (banho) e recepção do Espírito Santo, e o nosso alimento (pão e vinho) vêm daquele evento pelo qual Deus fez daquela vítima da violência do império romano o começo de uma nova vida, nova convivência, comunhão e comunidade. É claro que entre o fato vítima e o ressurto está a doação voluntária e vitoriosa em favor de todos e a ação Daquela que o enviou no poder do Espírito Santo. Aqui o importante é ressaltar que o dom da comunhão trinitária ocorre em meio à injustiça, alienação e morte, enfim da contradição da vida.

Isso é um sinal eloqüente de que Deus ama a humanidade e ela está no coração de Deus. Deus ama o mundo "de tal maneira" como diz São João, que por isso fez-se humano em seu Filho e "viveu como um de nós" (Oração B). É o Deus-conosco, cujo poder sempre é ressaltado nas coletas ("*Onipotente Deus...*") e "se revela, principalmente, em misericórdia e compaixão" (Próprio 21, LOC p.133). Assim, o amor de Deus é seu poder. A misericórdia no Antigo Testamento abrange amor, bondade e fidelidade. O Deus celebrado no LOC ou em outras liturgias cristãs é o Deus que toma a iniciativa em seu amor e fidelidade. As pessoas são chamadas a participar dessa iniciativa. Essa precedência divina é expressa na prática do batismo infantil e nas coletas, por exemplo, do Próprio 11, "Deus Onipotente, fonte de toda a sabedoria, que tanto conheces de antemão as nossas necessidades quanto nós ignoramos o que pedir", ou numa outra coleta,

..."de quem procede a graça de teus servos te servirem bem e louvavelmente" (Próprio 26). O tema destacado na época da Reforma (justificação) aparece na coleta da sexta-feira da semana da Páscoa: "Pai Onipotente, que deste teu único Filho para morrer por nossos pecados e ressurgir para nossa justificação..." Essa coleta é baseada em Jo 3.16; Rm 4.25; e 1Co 5.7-8 e foi composta para o LOC de 1549.

Falamos até aqui sobre o Deus Triúno. É claro que, sendo o centro do LOC a adoração a Deus, muito do que se fala sobre a liturgia gira em torno de Deus. Mas qual é o lugar da humanidade diante de Deus na visão do Livro de Oração Comum ?

Visão da humanidade no LOC

No contexto da ação do Deus Triúno, o ser humano em sua dualidade como homem e mulher e como imagem de Deus tem papel preponderante.

A humanidade criada à imagem de Deus é proclamada, celebrada e lembrada nos próprios, mas também na oração eucarística: "Tu nos fizeste à tua própria imagem, confiando ao nosso cuidado o mundo todo..."(Oração B, p.87). No centro do conceito de imagem está a capacidade de relacionamento, de responder, corresponder e transcender a si mesmo. A imagem de Deus como criatura dual de homem e mulher, diferente e semelhante, aponta para essa relação. Não é uma criatura auto-suficiente e quando assim se conduz nega a si mesma e traz conseqüências nefastas para os outros. O LOC tem a consciência expressa disso na mesma oração eucarística acima mencionada: "...mesmo quando, por nossa desobediência, nos afastamos tão longe de Ti..." e mostra a supremacia da graça dizendo "...não nos abandonaste ao poder da morte".

Talvez essa concepção da imagem se expresse por meio da mordomia, co-participação na Criação. A mordomia aponta para a vida, o solo, os recursos naturais, os recursos produzidos, o tempo, talentos, as oportunidades e criatividade em todas as áreas da vida. Enfim, tudo como o dom confiado por Deus e, por isso, implica na prestação de contas para Deus. Essa concepção da mordomia está sintetizada nas palavras atribuídas a Davi na dedicação do Templo, "*tudo vem de ti e do que é teu to damos*" (1Cr 29.14), uma das frases do ofertório mais conhecidas entre os anglicanos. Também, na Coleta pela mordomia da Criação, lemos o seguinte...

... concede que, lembrando-nos de que havemos de prestar contas a Ti, sejamos mordomos fiéis das tuas boas dádivas." (LOC, pg. 153)

A mordomia co-participante nos indica o exercício do dom da liberdade, sem cair na auto-suficiência. O Salmo 8, que lemos muito pouco

durante o ano, é um bom lembrete de que fomos chamados a exercer o domínio da realeza na criação cercado pelo exercício da majestade gloriosa de Deus. O Salmo começa e termina dizendo que Deus colocou a sua glória em tudo. É interessante observar que o salmista diz que a identificação de Deus está associada com seu desejo de tornar esse pequenino e frágil mortal que é o homem, o "rei" da criação (coroaste). Essa aclamação onde havia muitos tipos de hierarquia soou como uma democratização da soberania. É possível que esse salmo tenha origem na coroação dos reis. Mas na forma que o herdamos, a referência é a humanidade toda. Também, é bom observar que no Novo Testamento, essa coroação, esse exercício da mordomia, está focalizada Naquele que tomou a forma de servo, de escravo, do crucificado. (Mc 10.42ss.; Fp 2).

Deve-se reconhecer, por outro lado, que houve na história da Igreja, uma interpretação errônea do domínio humano sobre a natureza. A mordomia, responsabilidade ou domínio não significam a depredação da natureza. Trata-se de dizer que a criatura humana se distingue e tem um lugar ímpar na natureza. Sem cair na depredação cruel de animais, pode-se apreciar um bom pedaço de bife ou churrasco, respeitando também, aqueles que têm visão contrária, (por ex., Rm 14.3). O que não se pode conceber é colocar outras criaturas acima do humano. Outra coisa é dizer que tudo é companheiro das criaturas humanas no louvor a Deus. Nesse sentido, *Benedicite omnia opera Domini* (Daniel 3, na versão grega) em sua íntegra se encontra na versão antiga do LOC e a primeira parte se encontra no atual LOC com o título de *Benedictus es, Domine*, Os Salmos 104 e 148 também são lembretes relevantes de que toda a criação e tudo o que nela acontece devem ser considerados nossos companheiros no louvor a Deus.

Que o LOC tem a dizer sobre o papel ativo da humanidade? O LOC avalia positivamente as atividades humanas na dimensão social, histórica e cultural. Na Oração A (p. 82) está insinuada essa apreciação nas seguintes palavras, "dos primeiros elementos fizeste surgir a raça humana e a abençoaste com memória, razão e sabedoria". Vemos aí também a concepção da criação como um processo evolutivo. Porém, uma frase seguinte nos lembra de que não nos convém apegar-nos à visão evolucionária linear e progressiva, porque a história é cheia de ironias. "Tu nos deste domínio sobre a criação. No entanto, traímos tua confiança, rebelamo-nos contra Ti e nos voltamos uns contra os outros".

A convivência humana em sociedade, em organização social, política, econômica, cultural também não está esquecida.

PELAS CIDADES:

Pai Celeste, em tua Palavra nos deste a visão daquela cidade santa, à qual as nações do mundo trazem sua glória. Contempla, nós te rogamos, as cidades da terra. Renova os laços de respeito mútuo, que formam a nossa vida cívica. Envia-nos líderes honestos e capazes. Capacita-nos a erradicar a pobreza, preconceito e opressão para que prevaleça a paz com retidão e a

justiça com ordem e que homens e mulheres de diferentes culturas e com diferentes talentos possam encontrar-se uns com os outros para a realização de sua humanidade, por Jesus Cristo, nosso Senhor.

PELA JUSTIÇA SOCIAL (LOC p. 154):- A coleta nos mostra a relação entre a criação humana como a imagem de Deus e a luta contra o mal, o inconformismo com a opressão, o exercício da liberdade e a manutenção da justiça.

PELOS QUE TRABALHAM (LOC p.155) - Nessa Coleta o trabalho humano é visto na perspectiva da glória e obra de Deus no céu e na terra, como expressão da verdade, beleza e justiça, livre do culto ao dinheiro, para o benefício de outros.

PARA O DIA DO TRABALHO (LOC, p. 155) - Na perspectiva da vida como interdependência estabelecida por Deus, é um pedido para que o trabalho seja para o bem comum e a luta pela justa remuneração não esqueça da justa aspiração de outros e o desemprego de outros.

PELOS DESEMPREGADOS - Numa outra coleta que juntamente com a das cidades acima está aguardando a sua publicação em separata ou numa outra edição do LOC, há petição no sentido de que a riqueza pública e privada seja empregada para a criação de emprego adequado, satisfatório do ponto de vista da realização humana e de justa remuneração.

PELAS ESCOLAS E UNIVERSIDADES - Uma outra área da atividade humana em convivência é a organização do saber humano. Por isso a coleta diz: "Ó eterno Deus, abençoa toda as escolas e universidades e, especialmente,_____ para que sejam centro vivo do saber sadio, novas descobertas e busca da sabedoria..."

Essa nova descoberta salientada por aqueles que chamados de liberais ou "Igreja ampla" (Broad Church) tem sido uma vertente fértil e renovadora do anglicanismo tanto para o anglo-catolicismo quanto para o anglo-evangelicalismo. Como oração da Igreja, a petição é no sentido de que "tanto os que ensinam quanto os que aprendem te encontrem como a fonte de toda a verdade."

Além dessas atividades humanas o comércio e indústria também são lembrados (LOC p.153).

Também estão aguardando a inclusão na nova edição do LOC ou em separata, as coletas pelos três poderes governamentais. Mesmo que vivamos num sistema presidencialista, pela Constituição há três poderes separados e interdependentes. É relevante que, em nossas intercessões, se tome consciência política e da cidadania. Se orarmos apenas pelo poder executivo e esquecermos os dois outros poderes, estaremos alimentando o messianismo político e criando condições propícias para o surgimento de lideranças autoritárias, ditatoriais e populistas.

Outra atividade que representa um poder é a formação de opinião pública. E uma outra coleta que aguarda sua inclusão no LOC diz:

Onipotente Deus, Tu proclamas a tua verdade em todas as gerações por muitas vozes. Dirige, em nosso tempo, nós te rogamos, aqueles que falam onde muitos ouvem e escrevem o que muitos lêem, para que tenham parte na formação do coração deste povo na sabedoria, de suas mentes sadias, e de sua vontade na justiça...

O sentido humano da vida não se esgota apenas nas atividades. Os "ativistas" tendem, assim parecem, a se concentrar no hoje, sem tomar a consciência de que o ativismo é impulsionado pela preocupação com o futuro, com a eternidade. Por outro lado, o Hoje de Deus intersecta o hoje humano tão velozmente fugaz. Por isso, na Igreja, principalmente entre quem está na liderança, muitas vezes o descanso é uma coisa desconhecida. De qualquer forma, o importante é participar do descanso de Deus, a plenitude da satisfação. Se, por acaso, o ativismo na Igreja for reflexo da idéia de que o louvor a Deus depende de nós, então é bom nos lembrarmos do que dizemos constantemente em nossa liturgia, "*portanto com anjos e arcanjos ...*, "que não cessam de proclamar tua glória"..., isto é, que o louvor a Deus não depende de nós, e que nos é dada a oportunidade, pela Sua bondade, de participar no louvor a Deus que nos precede.

O LOC vê o ser humano na perspectiva da eternidade. Isso é indicado pela Comunhão dos Santos, pelo memorial ("*...lembramos diante de Ti, N...* ") Lembrar alguém falecido ou vivo é colocar a pessoa sob a perspectiva do que Deus fez em Cristo e na sua comunhão eterna (ver as expressões, "antes da fundação do mundo" em Jo 17.24; Ef 1.4; 1Pe 1.20) no sentido de que Deus seja favorável para com ela ou ele. Por exemplo, "*recebe-o nos braços da tua misericórdia e lembra-te dele segundo o favor que mostras com o teu povo*", (Ofício de Sepultamento, p.202). No que se refere ao que é denominado de "estado intermediário", há metáforas que sugerem o descanso, isto é, a restauração, satisfação completas em Deus (por exemplo, na p. 208, e na p. 204 *... no bendito descanso da paz eterna e na gloriosa comunhão dos santos na luz...*)e outras que sugerem o crescimento em serviço (por exemplo, na p. 209, "*Lembra-te de teu servo, ó Senhor... e concede que, progredindo no conhecimento e no amor a ti, prossiga de força em força, na vida de perfeito serviço em teu reino celestial...*") Ainda há aquela sentença encomendatário junto à sepultura que ressalta a esperança da futura ressurreição: "*Ao eterno e onipotente Deus entregamos o corpo de nosso irmão falecido N.; terra à terra, cinza á cinza, pó ao pó; na certa e inabalável esperança da Ressurreição para a Vida Eterna...*" (p.206).

Há diferenças e certas tensões no que diz respeito a este assunto. Uma coisa é certa: não se trata de julgar o destino último das pessoas, mas de proclamar o Evangelho da Ressurreição, da Vida Eterna e juntar esse Evangelho e o nosso amor pelos que foram numa forma de oração, do memorial ("*lembra-te...*") diante de Deus.

Estes poucos exemplos de Coletas são indicações de que o LOC tem uma visão da humanidade e de seu papel ativo e criativo, no contexto da ação do Deus Triúno como imagem da "humanidade de Deus", imagem de Deus dotada de memória, razão e sabedoria. Como indicações, as coletas nos convidam a tornar mais criativas as nossas orações, isto é, trazer para a liturgia tudo que é humano. E o humano é o que acontece em torno de nós. "Uma autêntica adoração litúrgica," diz Louis Weil, "atrai tudo que é humano para o seu quadro de referência". Que é esse quadro de referência? Em poucas, o Evangelho, o Mistério Pascal "apresentado à experiência dos fiéis em cada geração" sendo essa experiência "o todo da pessoa humana" - relacionamento, afeição, razão e vontade.

O local na Liturgia onde se pode exercitar essa criatividade é a Oração do Povo (Intercessões). Os itens indicados nas páginas 60 e 73 são lembretes de que as intercessões devem ser abrangentes e não sectárias. E, ao mesmo tempo, são convites para exercitar a criatividade antes referidas. É claro que isso requer um preparo por parte da comunidade litúrgica. É bom se lembrar de que, nas intercessões, convergem a função do Diaconato (ver o Ordinal) de interpretar para a Igreja "as necessidades, as preocupações e aspirações do mundo" e a criatividade nas intercessões. Nisto as coletas nos podem ajudar como sugestão e a criatividade não exige tanto conhecimento quanto na área das orações eucarísticas. Essa criatividade pode ser exercida nos limites paroquiais. Ao passo que, no caso das orações eucarísticas, é uma boa política seguir orientação do Bispo Diocesano, da Câmara dos Bispos e da Comissão de Liturgia, porque as questões delicadas de teologia e doutrina, que têm sua história no anglicanismo, se fazem mais sensíveis nas orações eucarísticas.

É verdade como diz Weil que a Liturgia não é uma "roupagem" para comunicar doutrinas. Ao contrário, ela celebra a fé e alimenta a fé. Nisto há mutualidade entre a fé que os anglicanos professam e a liturgia que eles celebram. Assim é convicção anglicana de que as Igrejas da Comunhão oram e celebram o que elas crêem.